**Formidável mundo moderno**

A mensagem do coordenador deste mês de novembro foi buscada lá no livro “Anota Aí – pequenas crônicas sobre grandes questões da vida acadêmica” que o professor Teixeira e eu escrevemos para aqueles que estão iniciando sua vida na Universidade. Ela é muito pertinente para os momentos que vivemos neste processo civilizatório tão complexo dos dias de hoje. Não vou me aprofundar mais nestas explicações e sugiro a sua leitura abaixo. Aliás, todas as crônicas colocadas no livro têm muito a ver com o que discutimos nesta página do NEPET. Fica aqui minha sugestão para sua leitura – do livro – completa.

O mundo moderno é deslumbrante, talvez por causa dos avanços da tecnologia, da qual dependemos cada vez mais. Parece até que vivemos para ela. Acontece que muitas vezes ela falha ou produz resultados que podem ser nocivos para nós, seres humanos, e então nos tornamos vítimas de nossas próprias criações. Desfrutar de tudo o que a tecnologia nos proporciona é fantástico, tem muito valor. E os outros valores? Onde estão? Como deixar que eles “sobrevivam”?

Há algumas décadas os seres humanos começaram, além de apenas admirar os aparatos tecnológicos, a pensar também nas suas consequências. Já não era sem tempo. Aquecimento do globo terrestre, redução da camada de ozônio, catástrofes provocadas por descontroles da tecnologia, falta de água em várias regiões, guerras… É pouco?

Essa constatação é alarmante, pois esses fatos colocam nossa vida em perigo direto. Também nos provocam estresse constante a necessidade de acompanhar o ritmo acelerado do sistema e os novos aparatos que a todo o momento colocam em xeque nossos conhecimentos e comportamentos.

A tecnologia é fascinante, as máquinas são rápidas e quase perfeitas. Sem nos deixar encantar perdidamente por isso tudo, o fato é que a tecnologia nos permite fazer uma série de coisas até há pouco inimagináveis.

Ao simples toque de uma tecla estamos ligados ao mundo. Enviamos e recebemos mensagens para todos os lugares a qualquer instante. Redes sociais permitem contatos quase instantâneos. Escrevemos, trabalhamos, lemos, nos divertimos embalados por máquinas permanentemente ao nosso dispor.

Mas há um lado preocupante nisso tudo. Temos a impressão de que não podemos viver sem a tecnologia. Fazemos cada vez mais e mais coisas e, por incrível que pareça, nosso tempo é cada vez mais curto.

Esse paradoxo exige reflexão. Essas reações nos estressam, nos tornam mais amargos, menos afetivos, menos tolerantes com os erros. Um dos vilões dessa história deve ser mesmo a tecnologia e a dependência que criamos dela.

A dependência excessiva da tecnologia faz com que estejamos constantemente nervosos, pois muitas vezes não temos acesso a toda disponibilidade desse conforto. Já nem nos lembramos de outras atividades que podemos desenvolver sem ter à mão um computador, um controle remoto, um celular… Apesar disso, temos um mundo inteiro a desbravar, muita natureza ainda para conhecer e oportunidade de perceber que a vida não se restringe apenas às máquinas.

Mas por que falar dessas coisas? Afinal, em que mundo estamos vivendo? Isso mesmo: em que mundo estamos vivendo? O que queremos dele? Aonde tudo isso nos levará se ficarmos atônitos esperando que uma ideia de vida moderna determine o nosso comportamento?

Parece que não estamos mais sendo capazes de controlar o uso da tecnologia. O ter estaria tomando conta do ser. E a mídia, a nos convencer que a felicidade está linearmente atrelada ao consumo de mais um equipamento fantástico; parece que nos dizem que o maior carrão é o diferencial para conquistar mais pessoas; que o último modelo de celular nos destacará perante a turma. É realmente difícil nos esquivarmos desses apelos constantes que cotidianamente bombardeiam nossas mentes.

A tecnologia é mesmo muito atraente. Pense num computador. Ele trabalha rápido, é interessante, mostra imagens bonitas e dinâmicas, emite sons, informa, preenche nosso tempo, ou seja, simula uma vida inteira sem esforço físico. E mais, dentro da nossa fantasia, essa vida é quase infalível.

Saber conciliar os nossos interesses particulares com a ideia de modernidade que domina o mundo globalizado, saber impor limites para aceitação da tecnologia, é sinal de maturidade.

Vá passear, ler, conversar com seus amigos – não apenas pelo *chat* ou *twitter* –, ouvir uma música embaixo de uma árvore. A vida é muito mais que ter: é ser! É muito mais que modismos, tenhamos certeza!

Afinal de contas, devemos lembrar que, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, somos nós, seres humanos – de carne, osso e sentimentos –, que continuamos a apertar os botões.